



Análise comparativa: O Papel do Jornalista na Pandemia de Gripe Espanhola e na Pandemia de COVID-19¹

Lara Bianca Alves Lima²

Chislene Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante ³

José Augustiano Xavier dos Santos⁴

Centro Universitário UNINTA, Sobral, CE

RESUMO

No contexto pandêmico na história, anteriormente, em 1918 de forma mais exata, o jornalismo já havia mostrado sua função vital como agente social quando durante a I Guerra Mundial jornalistas espanhóis noticiaram uma misteriosa doença que estava ceifando vidas por toda a Europa. Em meio a ampla cobertura dos conflitos bélicos, diplomacia e trincheiras, decidiram dar espaço a uma mazela desconhecida que agia de forma silenciosa. No Brasil matou milhares de pessoas e no mundo cerca de 50 milhões. A decisão desses jornalistas fez com que a maior epidemia do século recebesse o nome de Gripe Espanhola, que findou levando mais vidas que a própria guerra, com mortes por todo o mundo, como se percebe nos livros de Schwarcz e Starling (2020) e Barry (2020). Foram os jornalistas responsáveis pela alcunha da maior mazela do Século XX. Denunciaram a existência da doença, também atuaram vividamente na conscientização da população a respeito dos cuidados sanitários. Não obstante, travaram uma batalha contra falsas informações e movimentos populares contrários às medidas preventivas. Os periódicos de diversos países daquela época aconselhavam sobre o uso de máscaras, higiene das mãos e importância do isolamento social. Os periódicos de

¹ Trabalho apresentado na **DT 8 – Estudos Interdisciplinares** do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UNINTA, email: larabiancalima@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora Chislene Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante do Centro Universitário UNINTA, email: propesp@uninta.edu.br

Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UNINTA, email: augustiano.xavier@uninta.edu.br

⁴ Co Escritor do trabalho. Professor Mestre José Augustiano Xavier dos Santos do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UNINTA, email: augustiano.xavier@uninta.edu.br



diversos países aconselharam sobre o uso de máscaras, higiene das mãos e a importância do isolamento social. Além de manter os dados atualizados, mesmo com as limitações do período, sendo um marco para a categoria e para a sociedade moderna que surgia com a segunda revolução industrial e o avanço das tecnologias. Pesquisando em jornais locais, de Sobral e região, como o periódico '*A LUCTA*' do jornalista Deolindo Barreto, foi encontrado registro do primeiro caso de espanhola no Ceará, em 23 de outubro de 1918. Nessa data, a cidade do Rio de Janeiro já estava imersa no caos, com ruas paralisadas e hospitais lotados de doentes. Segundo o jornal '*Gazeta de Notícias*', em 14 de outubro de 1918 eram mais de 20 mil doentes na cidade, sem medicamentos, médicos ou qualquer infraestrutura que fosse capaz de atender tantos doentes que surgiram em um curto espaço de tempo. A Gripe Espanhola foi mortal por diversas razões, entre elas a velocidade com que pessoas podiam se deslocar, nunca vista anteriormente, pois os soldados infectados cruzando os oceanos e infectando outras pessoas tão logo desembarcaram. Outro importante fator foi justamente a saúde precária dos soldados, que sem muito suporte e vivendo em condições adversas, adoeciam facilmente. Junto à falta de cuidados e higiene das populações de maneira geral, esses fatores culminaram em milhões de infectados em pouco mais de dois anos de circulação do vírus em escala global. Findando em hospitais que por conta da Guerra já não tinham recursos para assistir tantas mazelas simultaneamente. Cem anos depois, nos deparamos com as mesmas manchetes, agora com notícias circulando em segundos por conta da internet. Os primeiros casos, e tão logo as primeiras mortes, em decorrência do vírus que mais tarde seria mundialmente conhecido como COVID-19 aconteceram na China. A COVID-19 chegou em um mundo ainda mais unificado onde uma pessoa pode facilmente se deslocar para países distantes. Até o momento no Brasil são 661.346 mortes e no mundo 6.160.370. Fazendo um paralelo entre as pandemias, é possível enxergar inúmeras semelhanças mesmo com o longo intervalo de cem anos entre elas. É perceptível a relevância dos jornais, os veículos de comunicação para a população mundial. Anteriormente a onipotência do impresso foi ampliada pela popularização do rádio, processo semelhante ocorrera com a televisão e acontece com a internet. Mas nenhum deles entrou em completo desuso, evidenciando que o jornalista tem inúmeros veículos e não precisam expurgar os meios tradicionais em detrimento dos modernos. É essencial que a informação alcance o interlocutor, independente da forma com que chegue. No isolamento social, apenas o jornal entrava nas casas e trazia o mundo para as pessoas em quarentena. Com a análise do presente, o principal meio de



informação é a internet e seus inúmeros canais de contato, inúmeros dados e uma rapidez que tanto possibilita a pronta reação, mas também facilita a propagação de falsas verdades. Discursos falaciosos foram disseminados, contando com o medo das pessoas para se propagarem assim suplantaram informações verídicas que jornais sérios ofereciam. Nesse momento, o jornalismo responsável tomou também a responsabilidade de informar, mas além disso, averiguar falácias compartilhadas pela população. Conhecidas como *fake news*, essas mentiras amplamente compartilhadas se tornaram um dos maiores inimigos que a sociedade deve combater. Ergueram governos, defasaram movimentos, porém, no cenário pandêmico, foram responsáveis por muitas mortes. Apontavam tratamentos, recusaram métodos de prevenção, entre outras desinformações que foram adotadas por muitas pessoas. É urgente que as fake news sejam debeladas e a linha de frente para esse combate é composta por jornalistas e jornais comprometidos com seu contrato social de elucidar pessoas apresentando informações com credibilidade, dados reais e esclarecendo mentiras. Essa é uma grande missão que foi estabelecida como prioridade para a categoria. Jornalistas, como médicos, enfermeiros e operadores de caixa, não interromperam suas funções. No cotidiano adverso, foi possível compreender a importância da formação responsável do profissional da comunicação para ser um veículo da sociedade que busca a democratização da informação. Entender que ter conhecimento é ter poder, que por sua vez, deve ser de propriedade do povo. A essa altura de 2022, foi encerrado o cenário mais caótico da pandemia, tal conquista se deve à vacinação contra COVID-19. A ampla divulgação da necessidade da imunização foi essencial, assim como a aceitação e rápida adesão da grande maioria das pessoas. Combatendo a desinformação a respeito da vacinação e desmentindo negacionistas. Mostrando que o jornalista trabalha em função da sociedade, mas também com a sociedade, é uma relação de reciprocidade que deve ser mantida. Almeja-se que a democratização da informação seja prioridade da imprensa, seguindo seus esforços com ética, credibilidade e junto à ciência conseguir levar conhecimento a população de forma homogênea. Quanto a função da sociedade civil nessa relação de reciprocidade é que cultive o respeito ao trabalho e formação acadêmica dos jornalistas, entendendo que conhecer a procedência da informação antes de divulgá-la é essencial para evitar propagação de falácias e mentiras. Pois, há saberes que só se aprende em bancos universitários, na vivência acadêmica. As pandemias foram e são laboratórios no cotidiano de novas atuações no campo da medicina, e destacando o jornalismo, este que nasceu como atividade informativa, hoje pode questionar, parafraseando



Traquina “por que as notícias são como são?”, imagina-se uma perspectiva em que a imprensa ao invés de ir atrás de opinião de leigos, possam se aproximar de pesquisadores, especialmente para o combate à desinformação. Essa será uma aprendizagem na vida cotidiana em tempo de pandemia e trilhar esse caminho não será fácil, mas a qualidade de vida, o destino dos brasileiros também é responsabilidade de todos.

PALAVRAS-CHAVE

Pandemia; Democratização da Informação; História e Atualidade.

REFERÊNCIAS

BARRY, Jonh. A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

SCHWARCZ, Lilia e STARLING, Heloisa. A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

TRAQUINA, Nelson. O que é Jornalismo. Lisboa: Quimera, 2002.

UJVARI, Stefan Cunha. A história da disseminação dos microrganismos, Estudos

Avançados 22 (64). Rio de Janeiro, 2008. Disponível em A história da [disseminação.pdf](#)

Acesso em 25/08/2021.

BARRETO, Deolindo. A Influenza. **A LUCTA**. Sobral, Ceará, ano 5, n 233. 23 de outubro de 1918. Disponível em <http://memoria.bn.br/> Acesso em 09/10/2021

BERNARDES, Vladimir. O Rio é um vasto hospital. **GAZETA DE NOTÍCIAS**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 43, n 286. 15 de outubro de 1918. Disponível em <http://memoria.bn.br/> Acesso em 21/10/2021